

Marino, 5 de dezembro de 1990

## O tabu da morte

*(De uma entrevista da jornalista Margaret Coen a Chiara Lubich)*

**Margaret:** No mundo de hoje existem duas coisas que possuem uma grande importância. Primeiro o relacionamento: não se sabe como criar o verdadeiro relacionamento. Segundo: todos sentem muito medo da morte, existe o tabu da morte. Poderia me dizer algo sobre isso?"

**Chiara:** O relacionamento é um tema atual, tudo é baseado no relacionamento e você me pergunta como se constrói um verdadeiro relacionamento.

Bem, eu diria que o relacionamento humano, sadio, de amizade já é admirável. Todavia muitas vezes não prescinde do sacrifício, pois não se faz nada sem o sacrifício, tudo aquilo que se faz no mundo, nem que seja do ponto de vista puramente humano, requer fadiga, empenho, sacrifício.

Se passarmos para um plano superior, sobrenatural, o relacionamento é como eu expliquei um pouco até agora: amar os outros. O que significa? Significa fazer-se um com os outros, entrar neles, entendê-los, sofrer com aqueles que sofrem, fazer-se um, identificar-se com eles. Também alegrar-se com quem se alegra, fazer-se um em tudo, menos no pecado, logicamente, mas em tudo: querem dar um passeio, você vai junto. Pode ser que você não tenha a mínima vontade, mas vai para fazer-se um com eles.

Eles vendo isso, percebem que existe algo que não é puramente humano e ficam tocados, mais cedo ou mais tarde ficam tocados. Podemos dar, não digo milhares, mas milhões de exemplos. E eles sentem o desejo de agir como nós, porque no fundo é no amor que está a felicidade; no esquecimento de si mesmos. O mundo procura a felicidade e não sabe que a encontra exatamente ali, na caridade, naquela caridade que Jesus trouxe à terra.

A respeito da morte... Já me perguntaram várias vezes se eu tenho medo da morte. Bem, posso ter tido medo, mas neste momento, graças a Deus, não; neste período, graças a Deus, não. Nem mesmo eu sei porquê. Talvez seja porque compreendi várias coisas e sobretudo porque sempre refleti sobre isso, se bem que na vida é preciso se empenhar muito. Santa Teresinha dizia que aqui estamos no exílio. Sim, um exílio, porém muito laborioso. Aqui devemos ajudar todos, servir... o desenvolvimento é uma palavra cristã.

Mas a morte não me incute medo. Sobretudo eu entendi claramente isso: quem vê a morte é quem não morre, ou seja, a pessoa que vê a outra morrer. Mas quem morre vê a vida, porque a morte é o encontro com Cristo. Portanto você fecha os olhos, por assim dizer, se tiver tempo de fechá-los, ou melhor, você os abriu aqui e os abre de novo lá. Você vê Cristo, o Cristo que a salvou, que a amou, etc., que será também o seu juiz, certamente. Porém, se durante a vida você procurou fazer algo por Ele, naquele momento ele virá ao seu encontro, eu creio, com toda a bondade. Portanto, a certa altura perde-se o medo da morte.

Quando muito eu tenho medo das dores que podem preceder a morte, pelo terror de sentir, talvez, dores agudas, como estou observando em muitas pessoas, ao ponto de não resistir... e me lamentar... Mas também neste caso me consola o próprio Cristo que segui: Jesus crucificado e abandonado, pois ele gritou: "Meu Deus,...", e portanto ele suportará também o meu clamor, as minhas lamentações, não vai pretender que eu sorria em certos momentos.